

Loja de Perfeição - Grau 4º

Rizzardo do Camino

A Loja de Perfeição é o corpo subordinado que rege o governo dos Graus 4 ao 14.

O nome "Loja" é derivado do sânscrito Loka, que significa "Mundo"; maçonicamente, porém, o significado é amplo e múltiplo.

Comumente, Loja significa Oficina de trabalho, fisicamente, o local onde os Maçons reúnem-se para todas as suas atividades.

Como, porém e sempre, há uma dualidade de ação, a "Oficina" destina-se não só ao desenvolvimento dos trabalhos comuns, mas, também, aos trabalhos espirituais: uma Oficina mística, um Templo Espiritual.

A raiz do vocábulo, então, seria "Logus", representando a Parcela Divina, o Universo.

Contudo, pela amplitude interpretativa, uma Loja poderia ter as suas raízes na Célula; a Célula é uma Loja, mormente na denominação anatômica, tanto do organismo humano como vegetal; temos as Células de um favo dentro da Colméia que por sua vez, apresenta significado simbólico estreito com a Maçonaria.

Loja de Perfeição, ou melhor, Loja de Aperfeiçoamento, tem o significado histórico do local onde se reuniam os artífices sob o comando de Adoniram para concluir, ou aperfeiçoar, a ornamentação do Grande Templo.

A Loja de Perfeição, também, pode ser denominada de Loja Inefável.

O adjetivo "Inefável" apresenta dupla interpretação: encantador, ou seja, uma obra ou uma ação encantadora; e indizível, que não se pode exprimir através de palavras.

Loja Inefável, passará a ser o receptáculo místico de ações que não podem ser expressas por palavras, mas a linguagem do silêncio perfeitamente, serve de comunicação.

Linguagem do Silêncio, pareceria um contra-senso, pois, toda linguagem exprime-se através de sons; há, contudo, sons que existem mas não se ouvem.

Como exemplo prático, aludiríamos ao ouvido dos cães e de muitos outros animais, que percebem vibrações mais elevadas que as captadas pelo ouvido humano.

A linguagem Espiritual é inefável por natureza contudo, ela se comunica com a Divindade.

A força de um pensamento emana sons peculiares que o vulgo não percebe, mas cujas vibrações atingem a quem são destinadas.

A Loja de Perfeição é um Corpo Subordinado, porque não pode ser independente, tratando-se de um trabalho tão profundamente místico. A Subordinação não é só administrativa, pois essa pode alternar o seu sistema de

conformidade com os Estatutos e Regulamentos. Não se concebe um trabalho espiritualístico autônomo. É um conjunto subordinado a regras rígidas que dependem de um todo.

Para exercitar essa subordinação espiritual, faz-se de todo necessário a subordinação administrativa.

A Maçonaria é um governo hierárquico; a Maçonaria Azul apresenta forma democrática, porém a Maçonaria Vermelha é aristocrática, no sentido de uma unidade em torno de um Chefe que abarca o aspecto material-administrativo e direção espiritual. O Soberano Grande Comendador do Rito, é o Chefe Espiritual Absoluto.

No Brasil, apesar de um Supremo Conselho sesquicentenário, nesse tempo todo, a preocupação primeira, sempre foi a administrativa, a de fortalecer e unir os Membros dos Corpos, dando-lhes uma estrutura com a finalidade de, após considerar o aperfeiçoamento filosófico, proporcionando através de recursos financeiros, a construção de Templos apropriados onde os Graus poderão encontrar cenário propício para o seu desenvolvimento e, assim, meios para o seu aperfeiçoamento, com a exata compreensão do que contêm os Rituais.

Do Supremo Conselho, ainda não emanaram obras pedagógicas, de orientação quanto ao desenvolvimento e interpretação dos Rituais; nesse sentido a lacuna é muito grande; os Corpos trabalham como autodidatas.

Dele originam-se os Rituais dos Graus 4 ao 33, deixando para o Simbolismo a liberdade de confeccionar os Rituais dos três primeiros Graus, posto essa liberdade tenha resultado, no decorrer de tantos anos, em graves prejuízos, se considerarmos que cada Grande Loja ou cada Grande Oriente, editam Rituais diferentes e que periodicamente são alterados, revisados e recompilados; ainda, não foi feita uma coleta de todos os Rituais impressos desde a fundação do Supremo Conselho, tarefa importantíssima, que por certo algum dia será executada; a Biblioteca do Supremo Conselho tem por escopo, também, reunir essa variedade de Rituais, para, oportunamente, num trabalho conjunto, terem as Grandes Lojas e os Grandes Orientes, Rituais uniformes e inalteráveis.

Apesar do conceito moderno de que um Ritual não é uma "camisa de força" mas que possui elasticidade e de que há necessidade de alterarem-se linguagem, acentuação gráfica e modernização de vocábulos, as alterações não podem ser unilaterais; como existe uma Confederação ou várias, a elas competiriam essas revisões periódicas com a assistência do Supremo Conselho (ou Supremos Conselhos).

Essa separação dos Rituais, em absoluto não significa "autonomia"; o leitmotiv é a questão econômica da venda dos Rituais; deve-se ressaltar, porém, que nos últimos anos, a Maçonaria não tem distribuído entre os seus filiados, os Rituais, o que dificulta sobremodo o pleno conhecimento maçônico, temos a aberração de exaltado um Membro a Mestre, adquirindo assim a plenitude maçônico-simbólica, não conhecer o Ritual. O Mestre mais diligente procura obter junto aos seus Irmãos mais antigos, edições raras para, pelo menos, ter a oportunidade de estudar o que é sumamente importante no Rito.

Se nos parece que a argumentação de que a retenção dos Rituais obedece

à prudência de preservá-los para que não caiam nas mãos de profanos, é falha.

Rituais são encontrados transcritos em livros nacionais e estrangeiros.

Os Rituais fornecidos pelos Supremos Conselhos são autenticados, o que equivale dizer, oficializados; a sua reprodução é proibida.

Aqui surge o aspecto jurídico, relevante, pois dentro da atual organização, não há impedimento para a sua reprodução, vez que, os Rituais não são registrados de conformidade com o que preceitua a legislação pátria.

Sendo os Rituais internacionais, os "donos" serão os Supremos Conselhos que por sua vez os receberam de Frederico II, Imperador da Prússia.

Ninguém poderá impedir a sua reprodução, comentários e transcrição.

Indubitavelmente, é chegada a hora de os Supremos Conselhos tomarem as providências cabíveis para preservar o que na realidade é deles.

Tratamento: uma Loja de Perfeição tem o tratamento de Excelente. Contudo, não há uma disposição oficial, vez que, algumas Lojas adotam a expressa "Excelsa".

Ambos os tratamentos são corretos, eis que sinônimos; excelso e excelente significam o que excede, o que vai além, o que é superior; os onze Graus que compõem a Loja de Perfeição constituem os ensinamentos e as práticas do que excede aos três primeiros Graus do Rito, evidentemente, Escocês Antigo e Aceito.

Alguns Corpos usam a expressão "inefável" o que, também, não deixa de ser correto; contudo, o uso de "inefável" não é muito comum.

O presidente, que representa o Rei Salomão, é denominado de Três Vezes Poderoso Mestre, tratamento usado entre nós, pois, na maioria de outros países o Presidente é apenas, chamado de Poderoso ou Poderosíssimo.

O tratamento tríplice evoca no Presidente, não ao Rei Salomão, como ao rei de Tiro e a Hiram Abif, cujas personalidades fundem-se misticamente.

O rei-de-Tiro e Hiram Abif participaram da construção do Grande Templo, mas nele não cultuaram a Jeová.

Espiritual e misticamente, a direção de todos os trabalhos maçônicos nos 3º Graus, é presidida por Salomão, presença que traduz não só, sabedoria, como a própria Divindade em um dos seus aspectos operativos.

Os Vigilantes têm o título de Inspetores; originariamente, havia um só Vigilante que representava a Adoniram; no Ritual atual adotado por nós, o 2º Vigilante não tem raízes e não representa qualquer personalidade bíblica.

Adoniram, Inspetor dos trabalhos, consoante nos revela Iº Reis e Crônicas, foi uma personalidade misteriosa pois, ainda hoje, é confundida com o próprio Hiram Abif.

Refere Iº Reis, capítulo 4 a 6, que Adoniram seria filho de Abda; teria casado com a irmã de Hiram Abif; há porém, quem afirme que seria também, estrangeiro, eis que nenhum israelita tomara parte na construção do Grande Templo.

Segundo-o relato bíblico, Adoniram era príncipe da casa de Israel (1º Rei, 4-2) e sua função era a de inspecionar os tributos. O poder político e religioso era assim distribuído: Sacerdotes, Secretários, Chanceleres, Exército, Provedores, Oficial-mor, Mordomos e Tributos.

No entanto, a função de Adoniram era bem diversa: a de inspecionar os portadores de madeira no Líbano, dirigindo 30.000 trabalhadores.

Talvez tenham existido dois Adonirans; como a pesquisa, ainda, não dirimiu todas as dúvidas, essas persistem.

Os Vigilantes têm o tratamento de Veneráveis Irmãos. Os Obreiros o de Mestres Secretos.

O Templo: A Loja de Perfeição representa no Grau 4, o Templo do Rei Salomão, portanto, o Grande Templo; a representação é simbólica e muito singela.

A Câmara é dividida em duas partes: o Oriente e o Ocidente, separadas por uma balaustrada.

As paredes são decoradas ou atapetadas em negro com lágrimas em prata; circundam o Templo dezesseis Colunas, quatro em cada lado.

Por sobre o Dossel do Trono, um Triângulo inscrito em um círculo; dentro do Triângulo uma Estrela de cinco pontas e em seu centro, a letra "Iod", ou a letra "Z".

À frente ou à direita do Trono, uma mesa triangular coberta com um pano negro, com lágrimas em prata, e sobre ela, um Malhete, com um laço de crepe negro; ao lado, uma coroa composta com folhas de louro e oliveira.

Sobre cada Altar, um Candelabro de nove braços cada um, com nove luzes, sendo ao todo, vinte e sete luzes.

Originariamente, os Candelabros eram nove, com nove braços e nove luzes respectivamente, tendo ao todo oitenta e uma luzes.

Também, podem reduzir-se as luzes para três candelabros com três luzes cada um, e ao todo nove luzes.

O importante é que as luzes sejam, sempre, um múltiplo de nove.

Candelabros: À direita do Oriente na inserção do ângulo formado pelas Paredes, está depositada a Arca da Aliança; à sua frente, um candelabro de sete braços com sete luzes.

O Candelabro do Templo de Salomão era alimentado com azeite de oliva; os copos contendo o azeite eram colocados em uma mesma altura, sendo um no centro e simetricamente, três de cada lado.

Seu nome é menorá e é privativo dos templos ou sinagogas; aparecem em figuras antigas, às vezes com oito copos, destinando-se o oitavo que é menor, apenas, alimentar os demais, conservando-se esse sempre aceso. Nas Sinagogas, são usados candelabros de três, cinco e nove braços.

No de nove braços, os copos são colocados na mesma linha horizontal, destacando-se o nono, central, que sobressai dos restantes oito; o nome desse candelabro é "Hanukah" que significa: "restauração", comemorando a vitória dos

macabeus.

Em Êxodo 25:21-40, temos a descrição detalhada do candelabro de sete braços: "E também farás um candelabro de ouro puro; de ouro batido se fará este candelabro; o seu pedestal, a sua haste, os seus cálices, as suas maçanetas, as suas flores, formarão com ele uma só peça.¹

Seis hastes sairão dos seus lados; três de um lado, três do outro.

Numa haste haverá três cálices com formato de amêndoas, uma maçaneta e uma flor; e três cálices com formato de amêndoas na outra haste, uma maçaneta e uma flor; assim serão as seis hastes que saem do candelabro.

Mas no candelabro mesmo haverá quatro cálices com formato de amêndoas com suas maçanetas e com suas flores.

Haverá uma maçaneta sob uma haste que sai dele; e ainda, uma maçaneta sob duas outras hastes que saem dele, assim se fará com as seis hastes que saem do candelabro.

As suas maçanetas e as suas hastes serão do mesmo. Tudo será duma só peça.

Também lhes fará sete lâmpadas, as quais se acenderão para alumiar defronte dele.

As suas espevitadeiras e os seus apagadores serão de ouro puro. De um talento de ouro puro se fará o candelabro com todos esses utensílios.

Vê, pois, que tudo faças segundo o modelo que te foi mostrado no monte".

A luz provinha de um pavio composto de fios de algodão retorcidos; ao queimar-se o pavio, pendia a ponta carbonizada, o que fazia com que a chama se avolumasse e formasse fumaça; para retirar essa parte, usavam-se os espevitadores; para apagarem-se as chamas, ao final das cerimônias, usavam-se os apagadores.

Jeová mostrara através de uma visão, a Moisés, a imagem não só do candelabro mas de todos os utensílios para o Tabernáculo.

A descrição feita acima, como dizem as primeiras palavras do relato, teve o dom de "avivar a memória de Moisés": "Então falou o Senhor a Moisés dizendo: Servirão para avivar sua memória."

Até hoje, nas sinagogas, são usados os candelabros referidos nas Sagradas Escrituras e confeccionados em ouro; obviamente, em plaque, dado o alto custo do metal.

A Maçonaria brasileira, pela sua pobreza, não possui nenhum utensílio em metal precioso.

Pretendem os antigos historiadores, entre eles Josefo, Filon e mesmo Clemente, bispo de Alexandria, que o menorá representasse os sete planetas; o copo do meio representaria o Sol.

Não podemos atribuir a Jeová tamanha ignorância, pois seria inconcebível que Deus "ignorasse" a existência dos demais planetas.

1. Maçaneta, ou maça.

A argumentação de que o "Hanukah", o candelabro de nove braços representasse justamente os nove planetas atualmente conhecidos, também não merece credibilidade.

Ignora-se, portanto, no relato bíblico, o significado do menorá, e o porquê do uso de candelabros com braços e copos em números ímpares: 3, 5, 7 e 9.

Precisamos estudar a Cabala e ingressarmos em águas mais profundas, o que não constitui o objetivo do presente trabalho.

O cristianismo primitivo fez do menorá um dos símbolos do Cristo, a "Luz do Mundo", na simbologia judaico-cristã.

Tanto nos Evangelhos como nos Atos dos Apóstolos e nas Epístolas, não há estudo maior a respeito da numerologia religiosa, com exceção do Apocalipse, livro, ainda, de difícil decifração.

Em Graus Superiores descreveremos o significado dos "Eloins", ou seja, dos "Anjos", os braços do menorá seriam alusivos aos sete Eloins que ocupariam os sete planetas.

Com o aumento do número dos planetas, obviamente, aumentaria o número desses "Eloins".

Por outro lado, os antigos consideravam o Sol e a Lua como planetas e esses "adornam" os Templos Maçônicos.

Sabemos que o Sol é uma estrela com luz própria e a Lua um satélite da Terra; retirando-se essas duas figuras celestes os planetas de antigüidade ficariam reduzidos a cinco; com o acréscimo de Urano e Plutão, teríamos na realidade o número de sete. A argumentação seria válida se não houvesse a possibilidade da descoberta de outros planetas. Não se pode, em matéria científica, aventurar afirmações superficiais, de modo que as interpretações deverão ser feita cuidadosamente para não incorrerem em erros primários e ridículos.

A Arca da Aliança: No ângulo à direita do Oriente, está depositada a reprodução de uma Arca como vem descrito em Êxodo 25:10: " Também farás uma Arca de madeira de acácia; de dois côvados e meio fará o seu comprimento, de um côvado e meio a largura, e de um côvado e meio a altura.

De ouro puro a cobrirás; por dentro e por fora a cobrirás, e farás sobre ela uma bordadura de ouro ao redor.

Fundirás para ela quatro argolas de ouro; e as porás nos quatro cantos de Arca; duas argolas num lado dela, e duas argolas noutra lado.

Farás, também, varais de madeira de acácia, e os cobrirás de ouro; meterás os varais nas argolas dos lados da Arca, para se levar por meio deles a Arca.

Os varais ficarão nas argolas da Arca, não se retirarão dela. E porás na Arca o Testemunho que eu te darei".

Essa Arca, denominada de Arca do Testemunho, ou Arca de Aliança, seria uma reprodução da arca de Noé que foi o primeiro Testemunho, quando Jeová fez

a primeira Aliança com os homens, prometendo que não haveria um segundo Dilúvio.

A Loja Maçônica também seria uma reprodução da Arca da Aliança, pelo seu formato e medidas, posto, também, reproduzia a parte interna do Templo de Salomão, ou melhor, do "Sanctus Sanctorum". O material com que foi confeccionada a Arca da Aliança de todos conhecido, 'foi madeira de acácia e ouro.

A acácia é árvore de dimensões relativamente pequenas e, certamente, não se prestaria para construir a Arca de Noé.

Essa Arca tinha as suas medidas ditadas por Jeová: "Faze uma Arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos, e a calafetarás com betume por dentro e por fora. Deste modo a farás: de trezentos côvados será o comprimento de cinqüenta a largura e a altura de trinta..." (Gênesis 6:14-15).

Portanto, o material usado na construção da Arca de Noé foi a madeira do cipreste, árvore robusta, alta, que poderia suportar, facilmente, as dimensões da construção.

Trezentos côvados seriam 198 metros; qual seria a proporção entre 300 côvados da Arca de Noé com os 2,5 côvados da Arca da Aliança? Ainda não surgiram esses estudos; pelo menos, em nossa língua não temos obra alguma que mencione o estudo ou o significado dessas proporções.

O povo hebreu não tinha pendores para a construção naval, pois, além de pescadores, não se dedicavam ao transporte marítimo como o eram os fenícios e os romanos com as suas galeras militares.

A construção da Arca, obviamente, terá levado longo tempo, pois, apenas Noé e seus filhos acreditaram no que Jeová dissera; as Sagradas Escrituras não esclarecem sobre quanto tempo Noé levou para completar a sua obra; a Arca fora, consoante determinação de Jeová, "calafetada" por dentro e por fora com betume, isto é, as frestas entre uma tábua e outra, deviam ser perfeitamente, preenchidas de modo que a água não penetrasse durante os dias em que permanecesse dentro da água.

A Arca era uma construção provisória, pois o período de chuvas fora de quarenta dias; acreditamos que os dias referidos no Gênesis eram períodos de 24 horas.

A Arca da Aliança fora revestida por dentro e por fora com lâminas de ouro; portando, o seu peso era relativamente grande.

A acácia da região deveria ser imputrescível; as nossas acácias não o são.

Quando Nabucodonosor destruiu o Grande Templo de Salomão e levou tudo o que era precioso, indubitavelmente, teria levado, também, a Arca da Aliança, posto nenhuma referência a isso seja feita nas Sagradas Escrituras.

Quando Zorobabel trouxe de volta os objetos sagrados da Babilônia para Jerusalém, não mencionou que entre esses houvesse a Arca; pela sua relevância o texto bíblico não poderia ter silenciado.

Diz a lenda que a Arca da Aliança fora conduzida aos Céus.

Esse fato constitui certo mistério, porque Jeová não poderia deixar de prever a ação de Nabucodonosor; existe um hiato na História Sagrada sobre o povo judeu.

A Arca de Noé, quando flutuou pelo crescimento das águas, continha, além da espécie humana, a espécie animal como vem descrito em Gênesis 6:18-22:

"Contigo, porém, estabelecerei a minha Aliança; entrarás na Arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos, De tudo o que vive, de toda carne, dois de cada espécie, macho e fêmea, farás entrar na Arca para os conservares vivos contigo; das aves, segundo as espécies, de todo réptil da Terra segundo as suas espécies, dois de cada espécie virão a ti, para os conservares em vida. Leva contigo de tudo o que se come, ajunta-o contigo, ser-te-á para alimento, a ti e a eles".

Como em outras situações, a narração bíblica não convence, quiçá por erro de tradução ou por distorção de tradição, mas em um barco com menos de duzentos metros de comprimento e cinquenta de largura, Noé não poderia juntar toda espécie animal da Terra e ao mesmo tempo, o seu alimento.

As espécies, obviamente, seriam, apenas, as existentes naquele reduto; também, não sintoniza a destruição dos homens gentios, ou seja, aqueles que não pertenciam à família de Noé.

Embora os filhos de Noé tivessem casado com as filhas da Terra que eram formosas, não houve destruição total das espécies humana e animal.

Há sempre, para consertar essas dúvidas, a escapatória de que, também, a Arca de Noé constituiu-se em símbolo; a análise das falhas e omissões talvez constitua um motivo de somenos importância e que não desperta interesse na polêmica ou na pesquisa.

Portanto, a similitude entre a Arca de Noé e a Arca da Aliança, diz respeito, apenas, ao fato de a Arca de Noé constituir um "Testemunho".

Logo, a construção da Arca da Aliança com o formato da Arca de Noé, recordava, apenas, o evento do Dilúvio e a providência de Jeová em preservar a continuidade do povo hebreu.

As medidas da Arca da Aliança nos levam a saber que o objeto tinha a forma de um quadrilátero. Há dúvidas quanto ao conteúdo da Arca da Aliança: diz o texto: "E porás na Arca o Testemunho que eu te darei".

Esse "Testemunho" era, no momento em que Jeová ditava a Moisés o formato da Arca, a sua Lei.

Quando Moisés recebeu a Lei, ele a gravou em duas tábuas de pedra, dadas por Jeová no Monte Sinai. Diz o texto (Gênesis 24:12): "Então disse o Senhor a Moisés: "Sobe a mim no monte, e fica lá; dar-te-ei tábuas de pedra e a Lei e os Mandamentos que escrevi, para os ensinares".

Devemos analisar esse evento: Jeová deu a Moisés, já escritas nas tábuas, as Leis; não se sabe se apenas os Dez Mandamentos, ou todas as Leis; não há referências, outrossim, a respeito das dimensões e formato das pedras que Moisés denominou de tábuas.

Em Êxodo 31:18 lemos:

"E, tendo Jeová acabado de falar com ele (Moisés) no Monte Sinai deu a Moisés as duas tábuas do Testamento, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus".

E mais adiante: (Êxodo 32:15-16)

"E, voltando, desceu Moisés do Monte com as duas Tábuas do Testamento na mão; tábuas escritas de ambas as bandas; de uma e de outra banda estavam escritas; as Tábuas eram obra de Deus; também a escritura era a mesma escritura de Deus, esculpida nas Tábuas".

Que língua teria Jeová empregado para condensar em duas Tábuas, toda a sua Lei? Teria sido o hebraico?

Moisés permaneceu longo tempo no Monte Sinai, talvez longos meses ou mesmo, anos, a ponto de o povo ter perdido a esperança de seu retorno.

Assim, sem o guia espiritual, sem o seu chefe e condutor, o povo rogou a Aarão que lhes fizesse um deus para ser adorado; Aarão recolheu as jóias de ouro do povo e fundiu um bezerro, determinando que o povo o adorasse.

Jeová, então, advertiu Moisés do que o povo estava fazendo e da idolatria em que tinha submergido, demonstrando a sua ira a ponto de destruir os idolatras.

Moisés intercedeu junto a Jeová, que permitiu nova oportunidade para o povo desobediente, determinando que Moisés descesse do Monte e reconduzisse o povo à fé antiga.

Assim fez Moisés, porém, ao chegar aos pés do Monte, vendo que o povo adorava o bezerro prestando-lhe culto, e divertindo-se com danças, perturbou-se e quebrou as tábuas que trazia nas mãos; queimou o bezerro espalhando o seu pó nas águas.

Irado, chamou a si os que eram do Senhor, vindo a seus pés todos os filhos de Levi; a esses determinou que matassem aos idolatras, que somaram três mil homens. Com essa providência, o povo arrependeu-se e seguiu novamente a orientação de Moisés.

Com a destruição das Tábuas da Lei, Moisés não dispunha mais do que Jeová escrevera; rogando ao Senhor que lhe desse, novamente, a Lei, Jeová determinou que Moisés lavrasse novas Tábuas de pedra no formato das primeiras.

No dia seguinte, Moisés subiu, novamente, ao monte e recebeu do Senhor a Lei e uma nova Aliança, simbolizando as Tábuas, mais aquele Testemunho.

Porém, em Deuteronômio 10:1-5 temos notícia mais detalhada: "Naquele tempo me disse o Senhor: Lavra duas tábuas de pedra, como as primeiras, e sobe a mim ao monte, e faze uma Arca de madeira.

Escreverei nas duas Tábuas as palavras que estavam nas primeiras que quebrastes e as porás na Arca.

Assim fiz uma Arca de madeira de acácia, lavrei duas Tábuas de pedra, como as primeiras, e subi ao monte com as duas Tábuas nas mãos.

Então escreveu o Senhor nas Tábuas, segundo a primeira escritura, os Dez

Mandamentos que Ele vos falara no dia da congregação, no monte, no meio do fogo; e o Senhor mas deu a mim.

Virei-me e desci do monte, e pus as Tábuas na Arca que eu fizera; e ali estão, como o Senhor me ordenou".

Temos, portanto, uma nova versão para estudar; ou nessas segundas Tábuas, o Senhor limitou-se a escrever, apenas os Dez Mandamentos, ou toda a Lei que fora escrita passara a denominar-se Dez Mandamentos.

A determinação do Senhor para que Moisés construísse uma Arca, talvez o fosse para preservar as novas tábuas para que não fossem, novamente, quebradas, frágeis que deveriam ser, o que faz supor constituírem-se de lascas de pedra, talvez de mármore.

Na Arca da Aliança, além das duas Tábuas da Lei, outros "testemunhos" foram guardados, sendo um deles o Pote de Maná.

"Partiram de Elim, e toda a congregação dos filhos de Israel veio para o deserto de Sim, que está entre Elim e o Sinai, aos quinze dias do segundo mês, depois que saíram do Egito.

Toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Aarão no deserto; disseram-lhe os filhos de Israel: 'Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, e comíamos pão a fartar! Pois nos trouxestes a este deserto para matardes de fome a toda esta multidão'.

Então disse o Senhor a Moisés: Eis que vos farei chover ao ceu, pão, e o povo sairá e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu ponha à prova se anda na minha Lei, ou não.

Dar-se-á que, no sexto dia, prepararão o que colherem e será dois tantos do que colhem cada dia.

Então disse Moisés a Aarão e a todos os filhos de Israel: à tarde sabereis que foi o Senhor quem vos tirou da terra do Egito, e pela manhã, vereis a glória do Senhor, porque não ouviu as vossas murmurações; pois, quem somos nós para que murmureis contra nós?

Presseguiu Moisés: será isso quando o Senhor, à tarde, vos der carne para comer, e, pela manhã, pão que vos farte, porquanto o Senhor ouviu as vossas murmurações; as vossas murmurações não são contra nós, e sim contra o Senhor.

Disse Moisés a Aarão: dize a toda congregação dos filhos de Israel: chegai-vos à presença do Senhor, pois ouviu as vossas murmurações.

Quando Aarão falava a toda a congregação, olharam para o deserto, e eis que a glória do Senhor apareceu na nuvem.

E o Senhor disse a Moisés: Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel; dize-lhes: ao crepúsculo da tarde comereis carne e pela manhã vos fartareis de pão: e sabereis que Eu Sou o Senhor vosso Deus.

À tarde subiram codornizes e cobriram o arraial; pela manhã jazia o orvalho ao redor do arraial. E quando se evaporou o orvalho que caíra na superfície do

deserto, estava uma coisa fina e semelhante a escama, fina como a geada sobre a terra.

Vendo-a, os filhos de Israel disserem uns aos outros: Que é isto? Pois não sabiam o que era. Disse-lhes Moisés: "Isto é o pão que o Senhor vos dá para o vosso alimento" (Êxodo 16:1-15).

As codornizes não forem objeto de muita admiração, pois poderia haver explicação de seu aparecimento: posto a codorniz não seja ave migratória, poderiam ter arribado ao deserto arrastadas por fortes ventos.

Nenhuma codorniz foi conservada para ser colocada dentro da Arca da Aliança; apenas o Maná símbolo do pão, alimento sagrado dentre todos os povos ao correr da história.

Para o "milagre" o homem sempre busca uma resposta racional; nas regiões do Sinai, surgem freqüentemente como uma espécie de chuva, líquens transportados pelos ventos que constituem um alimento saboroso; também poderia emanar das tamareiras que segregam um líquido que, solidificado, também é alimento.

Porém, se encontrarmos para cada feito inexplicável, ocorrido desde o plano da saída dos israelitas do Egito até a fixação em Canaã, destruiríamos não só a fé, como a potência de Deus.

Também, em Maçonaria existem dogmas; crendo na narrativa bíblica, cremos no poder de Deus, em seu interesse de preservar a sua criação.

No relato acima, verificamos que o Senhor atendeu os reclamações do povo israelita, já exausto da infundável peregrinação no deserto, que durara quarenta anos.

Porém, o Senhor, sempre, encontrava pretexto para impor a sua Vontade e em experimentar a obediência de seu povo, para que guardasse a sua Lei e, especialmente, em dois pontos básicos: a exclusiva adoração e a guarda do sábado.

No versículo 33 do capítulo 16 de Êxodo, encontramos: "Disse, também, Moisés a Aarão: toma um vaso e mete nele um gômer cheio de maná, coloca-o diante do Senhor, para guardar-se às vossas gerações".

O gômer era uma medida antiga e pode ser calculado em meio quilo. Segundo o relato, o Sol derreteria o maná e esse não poderia ser conservado de um dia para outro, sob pena de apodrecer e de exalar mau cheiro.

Como poderia, então, ser guardado para a posteridade? O pote era de dimensões pequenas e perfeitamente cabível dentro da Arca.

Finalmente, na Arca fora guardada a "Vara de Aarão", vara que, evidentemente não ultrapassava a medida de um metro e meio a um metro e sessenta e cinco centímetros, comprimento da Arca; desconhece-se a espessura das tábuas e do ouro que a revestiam.

Em Êxodo 17:-1-13, lemos: "Disse o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel, e recebe deles varas, uma pela casa de cada pai de todos os seus príncipes segundo as casas de seus pais, isto é, doze varas; escreve o nome de cada um

sobre a sua ^Vara. Porém o nome de Aarão escreverás sobre a vara de Levi; porque cada cabeça da casa de seus pais terá uma vara.

E as porás na Tenda da Congregação, perante o testemunho onde eu vos encontrarei.

A vara do homem que eu escolher, essa florescerá; assim farei cessar de sobre mim as murmurações que os filhos de Israel proferem contra vós.

Falou, pois, Moisés, aos filhos de Israel, e todos os seus príncipes lhe deram varas, cada um lhe deu uma, segundo as casas de seus pais; doze varas; e entre elas a de Aarão.

Moisés pôs essas varas perante o Senhor na Tenda do Testemunho.

No dia seguinte, Moisés entrou na Tenda do Testemunho e eis que a vara de Aarão, pela casa de Levi, brotara, e, tendo inchado os gomos, produzira flores e dava amêndoas.

Então Moisés trouxe todas as varas diante do Senhor a todos os filhos de Israel; e eles o viram, e tomaram cada um a sua vara.

Disse o Senhor a Moisés: "Torna a pôr a vara de Aarão perante o testemunho, para que se guarde por sinal para os filhos rebeldes; assim farás acabar as suas murmurações contra mim, para que não morram."

E Moisés fez assim, como lhe ordenara o Senhor, assim fez. Então falaram os filhos de Israel a Moisés, dizendo: Eis que expiramos, perecemos todos. Todo aquele que se aproximar do Tabernáculo do Senhor morrerá; acaso expiraremos todos?"

O "milagre" pode, contudo, ser um fenômeno científico se nos detivermos as experiências realizadas, principalmente, na Índia, quando pela força da mente, um iogue pode fazer florescer, crescer e dar frutos a uma planta.

Em Hebreus 9:4, lemos: "Ao qual pertencia um Altar de ouro para o incenso, e a Arca de Aliança, totalmente coberta de ouro, na qual estava uma urna de ouro contendo o maná, a vara de Aarão, e que floresceu, e as Tábuas da Aliança".

Para São Paulo, dentro da Arca encontrava-se uma "urna" e dentro dela, os três Testemunhos.

Essa urna podia ser aberta, evidentemente, no início, somente por Moisés, pois a colocação dos três Testemunhos não foi feita de uma única vez, mas sim, em épocas diferentes de acordo com os eventos descritos em Êxodo.

A Arca não tinha fecho, tanto que os homens de "Bete Semes", após olharem para dentro da mesma, morreram feridos pelo Senhor:

"Feriu o Senhor os homens de "Bete Semes", porque olharam para dentro da Arca do Senhor, sim, feriu deles cinqüenta mil e setenta homens; então o povo chorou, porquanto o Senhor fizera tão grande morticínio entre eles". (Samuel 6:19).

A Arca fora roubada pelos filisteus, que a mantiveram durante sete meses e como compreenderam que não poderiam retê-la face os castigos que o Senhor lhes impunha, a devolveram, recebendo-a Eleazar, que a guardou.

Uma das pragas que o Senhor enviara aos filisteus fora a dos "tumores" que, infeccionando o povo, o dizimavam.

Quando a Arca passou às mãos do rei Davi, já não guardava os três Testemunhos: "Nada havia na Arca, senão só as duas Tábuas de Pedra, que Moisés ali pusera junto a Horebe, quando o Senhor fez aliança com os filhos de Israel, ao saírem da terra do Egito" (Iº Reis 8-9).

Segundo o relato em I Crônicas, 13:5-10, na interpretação discutida por Von Danicken, em seu livro *Eram os deuses astronautas?*, a Arca da Aliança não passaria de uma "pilha atômica" que se tocada poderia fulminar o imprudente.

"Reuniu, pois, Davi a todo Israel desde Sior do Egito até a entrada de Hamate, para trazer a Ares de Deus de Quiriate Jearim.

Então Davi com todo o Israel subiu a Baalá, e dali, á Quiriate-Jearim, que está em Judá para fazer subir dali a Arca de Deus, diante do qual é invocado o nome do Senhor, que se assenta acima dos Querubins.

Puseram a Arca de Deus num carro novo, e a levaram da casa de Abinadabe; o Uzá e avô guiavam o carro.

Davi e todo Israel alegravam-se perante Deus com todo o seu empenho; em cânticos com harpas, com alaúdes, com tambores, com címbalos e com trombetas.

Quando chegaram à eira de Quidom, estendeu Uzá a mão à Arca para a segurar, porque os bois tropeçavam.

Então a ira do Senhor se acendeu contra Uzá, e o feriu por ter estendido a mão à Arca; e morreu ali, perante Deus.

O evento entristeceu e atemorizou Davi que, logo depois, tomou providências para que não mais houvesse acidentes iguais.

Lemos, adiante, no capítulo 15, versículo 2: "Então disse Davi; ninguém pode levar a Arca de Deus, senão os Levitas; porque o Senhor os elegeu para levar a Arca de Deus, e o servirem para sempre".

Uzá não pertencia à tribo dos Levitas por isso lhe era mortal tocar na Arca. Davi conclamou os sacerdotes, e colocou a Arca definitivamente, em sua cidade: Sião.

"O filhos dos Levitas trouxeram a Arca de Deus aos ombros pelas varas que nela estavam, como Moisés tinha ordenado, segundo a palavra do Senhor".

Após a morte de Davi e ter Salomão construído o Grande Templo, a Arca da Aliança foi, pela última vez, trasladada para o seu lugar de honra".

Puseram os sacerdotes (Levitas) a Arca da Aliança do Senhor no seu lugar, no Santuário mais interior do Templo, no Santo dos Santos, debaixo das asas dos Querubins". (II Crônicas, 5-7).

Morto Josias, invadida Jerusalém pelo rei do Egito, instituído esse como Rei, a Jeoiaquim, rapaz de 18 anos de idade, surgiu Nabucodonosor que o prendeu: e levou para a Babilônia. Lemos em II Crônicas 36-7:

"Também, alguns dos utensílios de Casa do Senhor levou Nabucodonosor

para a Babilônia, onde os pôs em seu Templo."

Posteriormente, o rei dos caldeus invadiu Jerusalém, matou os jovens á espada e:

"Todos os utensílios de Casa de Deus, grandes e pequenos, os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros do rei e dos seus príncipes, tudo levou ele para a Babilônia". (II Crônicas 36-17).

A Arca simbolizava a Aliança que Deus fizera com o povo de Israel desde a saída do Egito. Essa Aliança, porém, passados 845 anos, foi violada: Jeremias 11,1-10.

"Palavra que veio a Jeremias, da parte do Senhor, dizendo" "Ouve a palavra desta Aliança, e fala aos homens de Judá, e aos habitantes de Jerusalém; dize-lhes: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Maldito o homem que não atentar para as palavras desta Aliança que ordenei a vossos pais no dia em que os tirei da terra do Egito, da fornalha de ferro, dizendo: dai ouvidos a minha voz e fazei tudo segundo o que vos mando -assim vos serei a vós outros por Deus; para que continue o juramento que fiz a vossos pais de lhes dar uma terra que manasse leite e mel como se vê neste dia. Então eu respondi e disse: Amém, ó Senhor!

Tornou-me o Senhor: Apregoa todas estas palavras nas cidade de Judá e nas ruas de Jerusalém, dizendo: Ouvi as palavras desta Aliança e cumpri-as.

Porque deveras adverti a vossos pais no dia em que os tirei da terra do Egito, até o dia de hoje, testemunhando desde cedo, cada dia, dizendo: dai ouvidos à minha voz, Mas não atenderam e nem inclinaram os seus ouvidos, antes andaram, cada um segundo a dureza do seu coração maligno; pelo que fiz cair sobre eles todas as ameaças desta Aliança, a qual lhes ordenei que cumprissem, mas não cumpriram.

Disse-me, ainda, o Senhor: uma conspiração se achou entre os homens de Judá, entre os habitantes de Jerusalém, Tornaram às maldades de seus primeiros pais que recusaram ouvir as minhas palavras; andaram eles após outros deuses para os servir; a casa de Israel e a casa de Judá violaram a minha Aliança que eu fizera com seus pais".

A "violação" da Aliança, cujo testemunho encontrava-se dentro da Arca de Deus, resultou na "destruição" do Testamento!

Essa foi a razão do desaparecimento da Arca da Aliança. A prova da necessidade de uma nova Aliança, a encontramos no mesmo livro de Jeremias, capítulo 31,31-40: "Eis aí vem dias, diz o Senhor, e firmarei nova Aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá."

A nova Aliança seria, indubitavelmente, o envio à terra do Salvador Jesus, o Cristo.

"Porque isto é o meu sangue, o sangue da (nova) Aliança derramado em favor de muitos, para remissão de pecados". (Mateus 26-28)

A presença de uma "Arca de Aliança" no Santo dos Santos do Grau 4º evoca todos os eventos acima descritos, que devem ser analisados e meditados para que o Maçom do "Filosofismo" atinja a "mensagem do Grande Arquiteto do

Universo". A Arca simboliza o Ovo Cósmico ou a Matriz Universal. Temos concepções as mais diversas originárias da Índia, como a lenda do Ovo de Brahma, criado pelo pensamento divino, do qual nasceu o primeiro homem.

A anos atrás, a imprensa noticiou que um cientista norte-americano extraiu uma célula de uma pessoa e a evoluiu in vitro, dando surgimento a um ser (clone) que na época da notícia já estaria com 14 meses de idade, sendo uma cópia carbono do homem de quem fora retirada a célula.

Surgiram muitas críticas e ceticismo, alegando os cientistas que essa notícia não passava de uma ficção.

No entanto, a notícia era séria e pouco se ficou sabendo a respeito, dado o sigilo que cercava o evento.

Os antigos pensavam que o primeiro homem teria surgido de um, e daí o símbolo do zero, e mais tarde do zero com um ponto no centro".

A relevância do símbolo zero, pois não se pode pretender que o zero seja um número igual aos nove primeiros; a série iniciando com o número um, finda em zero, portanto, o zero é o décimo número e não os primeiros; nove números da série são denominados de números significativos; o Zero é chamado de número não significativo; portanto, ele só adquirirá significação, quando vier colocado à direita de qualquer dos nove precedentes.

A colocação tem significado filosófico, eis que lemos em muitos trechos das Sagradas Escrituras, que a colocação à direita é premiação e valorização; à esquerda é castigo e diminuição.

O zero isolado não representa um número; ele só terá significado quando acompanhado.

Outro aspecto a considerar é a valorização do zero para o próprio zero; se precedido por um número significativo, imediatamente o transforma em ordem superior; se apenas, com um zero será dezena; porém acrescentando outros zeros, a valorização será progressiva: 10, 100, 1.000 etc. Por conseguinte, o zero é um fermento que cresce infinitamente, onde os demais números não atingem; é a expressão divina da numeração.

EMBLEMA: O Emblema do Grau é formado por um Triângulo inscrito em um Círculo; no interior do Triângulo, uma Estrela de cinco pontas, tendo no centro a letra hebraica "Iod".

O Emblema colocado sobre o dossel do Trono e também, em cima do cabo do Malhete que no Grau não tem o formato de martelo; o Malhete será o Emblema em miniatura em dinâmica porque é manejado pelo Presidente, como Cetro; o Emblema propriamente dito é estático porque fixo sobre o dossel.

Há diversidade quanto à inscrição no centro da Estrela, da palavra "Iod", pois, alguns autores inserem a letra "Z" que estaria colocada no centro da extremidade da Chave de Marfim.

A letra "Z" é a inicial da Palavra de Passe que tem sua origem no hebraico "ziz" e que significa Esplendor, sendo também, o nome de Jonatam.

O Triângulo do Emblema, além do significado comum de um Triângulo como

figura geométrica, bem como o círculo que o abrange, no Grau 4 representa "uma eternidade" para "um Universo" perfeito.

O termo "Eternidade" pode ser empregado genericamente, como um período de tempo infinito, porém no sentido filosófico não há, propriamente, "uma Eternidade", mas "Eternidades subseqüentes"; no texto bíblico encontramos a expressão: "De Eternidade em Eternidade".

Uma Eternidade perfeita para um Universo Perfeito também comprova a existência de vários Universos; o Emblema do Mestre Secreto abrange um período fixo que se refere a uma harmonização com o Grande Arquiteto de um Universo, aquele que habita a Eternidade (Isaías 57:15).

O Círculo representa a Perfeição, ou seja, o Universo Eterno Perfeito, por ser a mais perfeita das figuras geométricas.

A Estrela de Cinco Pontas dentro do Triângulo é denominado de Estrela Flamígera, ou Flamejante, a qual expele chamas ou flamas.

E o mesmo Pentagrama dos Graus do Simbolismo; astronomicamente, é o Grande Maçonaria ou Sirius; porém, seu simbolismo extravasa a posição astronômica; todas as Estrelas são Astros, posto a sua grandeza ou luminosidade seja variável; não há preocupação maior em situar exatamente a Estrela Flamígera na Carta Celeste, porque o seu símbolo não pode ser analisado isoladamente do Emblema. Esse tem a Estrela inserida de cinco pontos mas sem os chamas; é denominada de Estrela Flamígera porque possui cinco chamas.

No centro de Estrela, a letra "Z" e não o "Iod", porque, com esse último, transformar-se-ia no símbolo do Grau 2, ou seja, do Companheiro.

É evidente que para o Emblema ser entendido fez-se mister conhecer o significado isolado de cada símbolo, mas na caridade o conjunto é que constitui o Emblema.

Uma letra isolada do alfabeto tem o seu significado primário, porém, com as letras podem-se organizar palavras e essas apresentam um significado isolado e peculiar.

De outro lado, é sabido que cada Grau, dentro do Rito Escocês Antigo Aceito, é a soma dos Graus precedentes que adquirem significado mais esotérico e profundo.

O "Filosofismo" não pode ser estudado e analisado sem o conhecimento pleno e seguro dos Graus Simbólicos, daí a necessidade de serem iniciados os Mestres do Grau 3, verificar qual o seu Grau de conhecimento a respeito da trilogia simbólica' se o exame não for satisfatório, cumpre, antes de ministrar as lições do Grau 4, recapitular as anteriores, porque, obviamente, também, os três primeiros Graus pertencem ao mesmo Rito, que é o Escocês Antigo e Aceito.

A CHAVE DE MARFIM - O marfim tem sido desde os mais antigos povos, já civilizados, um material precioso de adorno e provém dos dentes dos elefantes, posto, também, algumas presas dos hipopótamos, das morsas, forneçam material idêntico. Trata-se de uma matéria óssea, muito branca e que se presta à escultura

e a ser cortada em lâminas tão finas que podem apresentar-se transparentes; servia o marfim, como serve ainda hoje, para confeccionar jóias, painéis e mil outras utilidades; hoje a extração do marfim é vedada, vez que, é escasso e a espécie dos elefantes, em via de extinção. O marfim simboliza a pureza. O elefante, a inteligência.

A Chave não tem origem conhecida; ele é encontrada nas ruínas das civilizações as mais antigas; o seu simbolismo sempre foi o do "sigilo" e "segredo".

Na linguagem bíblica simboliza "abertura", e como exemplo transcrevemos: "Porei sobre seu ombro a Chave da Casa de Davi; ele abrirá e ninguém fechará; fechará, e ninguém abrirá" (Isaías 22:22).

"Dar-te-ei os Chaves do Reino dos Céus; o que ligares no terra, terá sido ligado nos Céus; e o que desligares na terra, terá sido desligado nos Céus", (Mateus 16:19).

"Ai de vós intérpretes de Lei! Porque tomastes a Chave de Ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando" (Lucas 11:52).

"Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Porém ele pos sobre mim a sua mão direita, dizendo: Não temas, eu sou o Primeiro e o último, e aquele que vive pelos séculos dos séculos, e tenho as Chaves da morte e do inferno". (Apocalipse 1:17-18).

"O quinto Anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela caída do Céu na Terra. E foi-lhe dada a Chave do abismo. Ele abriu o poço do abismo..." (Apocalipse 9:1-2).

Na própria Chave de Marfim, em sua extremidade está inscrita a letra "K" inicial da Palavra de Passe, o que significa que a Palavra de Passe é a Chave para a entrada.

A Chave de Marfim, isoladamente, simboliza a Prudência e o Sigilo.

Prudência, porque o Sigilo deve ser "guardado" a "sete chaves", como diria o vulgo; e porque deve permanecer em lugar "seguro"; o que é fechado a chave, supõe-se em segurança, porque é guardado, preservado e oculto.

Porém, em alguns Rituais, encontramos que a Chave de Marfim apresenta-se "quebrada".

Ele tem significado esotérico ligado à Arca da Aliança, que deveria ser fechada à chave e com a perda da Arca, já a chave nada significava e daí, o ter sido quebrada; simboliza, outrossim, a "quebra" da Aliança entre o povo de Israel e o Senhor, pela desobediência aos Dez Mandamentos e à Lei, entregando-se o povo à idolatria e à desobediência em trabalhar no sábado, dia santificado. As Sagradas Escrituras não referem a existência de uma "fechadura".

No desenvolvimento do Ritual do Grau 4, verificaremos como é realçada a proibição à idolatria.

O possuidor da Chave de Marfim, recebeu o poder de abrir todos os demais Graus do Rito, com prudência e sigilo. O sigilo ou segredo, adjectiva o Mestre que atingiu o Grau 4, pois passará a ser denominado de "Mestre Secreto"; portanto, a Chave de Marfim é símbolo do Mestre Secreto.

O COLAR - O Presidente usa um Colar confeccionado com uma fita na cor azul, em tecido de seda chamalotado em cuja ponte está a Jóia; essa é constituída de um Triângulo em ouro tendo inserido de um lado, a letra lod e do outro a palavra lvah; lod, já o referimos, significa Deus.

O lod ou Yod, representa a dezena; pela sua forma física, simboliza um espermatozóide; o próprio falo; o Cetro ou Malhete e a Espada, de conformidade com a oportunidade de sua aplicação; ao empunhar-se a Espada, estar-se-á empunhando todos os demais símbolos e, em resumo, o lod.

É, também, o Ponto do Centro do Ovo, ou seja, o órgão masculino no feminino; representa o Olho Divino, como sendo a Pupila no centro do globo ocular.

lod é vertical porque é a Divindade.

Em Maçonaria, temos os múltiplos aspectos do conhecimento; assim como há uma Maçonaria filosófica, uma Maçonaria Mística; uma Maçonaria Judaica, uma Maçonaria "maçônica"; uma Maçonaria Cristã, e assim, por diante, temos também, a sexologia maçônica; obviamente, o conhecimento é genérico e não devemos, como fazem muitos, nos "apaixonar" por uma determinada inclinação e exagerarmos nas interpretações; na Maçonaria há sexo; mas nem tudo é sexo.

O equilíbrio para o conhecimento é necessário, porque a razão deve separar as paixões geradas, freqüentemente, pelo entusiasmo da novidade.

Em outros Rituais, o Colar é usado a tiracolo e confeccionado, simplesmente, em branco, simbolizando a candura.

Os Vigilantes também usam Colares, de pano azul, orlados em negro, tendo na ponta, como jóia, a Chave de Marfim.

O AVENTAL: O Avental é branco, confeccionado com pele de cordeiro, substituído, hoje, por material plástico, orlado de negro com cordões da mesma tonalidade.

Na Abeta, um Olho radiante, negro; no centro do Avental, dois ramos, um de louro e outro de oliveira, entrelaçados Pelo caule e no centro a letra "Z".

O louro simboliza o dever do triunfo sobre as próprias paixões; por ter o loureiro as folhas sempre, verdes, simboliza a imortalidade da Natureza; é o símbolo da glória e da consagração.

A oliveira será sempre, o símbolo da Paz.

"Esperou Noé, ainda, outros sete dias, e de novo, soltou a pomba fora da Arca. À tarde, ela voltou a ele; trazia no bico uma folha nova de oliveira; assim entendeu Noé que as águas tinham minguado sobre a terra" (Gênesis 9:10-11).

Portanto, o triunfo sobre as próprias paixões conduz à Paz interior, que é a Chave (de marfim) do êxito e o resultado da Iniciação do Grau 4.

É a parte "misteriosa" da Maçonaria, reservada aos Iniciados.

O Mestre Secreto não é o dirigente do grupo ou o Presidente; cada membro do Grau 4, é constituído Mestre Secreto, porque passa a ser dirigente de si próprio,

iluminado pelos conhecimentos que adquire.

É evidente que em cada Grupo deva existir um dirigente máximo, um Chefe, ao redor do qual, será possível a construção do mundo interior, do Templo próprio.

MESTRE SECRETO: Mestre, em latim "magister", é aquele que comanda, dirige e ensina. Como exemplo, para o completo entendimento do que significa ser Mestre, temos em latim:

Magister Equitum - Comandante da Cavalaria
Magister Sacrorum - Chefe dos Sacrifícios
Magister Societatis - Diretor da Sociedade
Magister Navis - Comandante do navio
Magister Convivi - Rei do festim
Magister Morum - O Censor

Secreto é o que não é visível; o que conserva para si; pacto secreto entre dois; o que é conservado em mistério; o significado esotérico de um culto espiritual.

Logo, Mestre Secreto é aquele que comanda o invisível.

Entende-se o dirigente de assuntos privados, místicos, esotéricos e maçônicos.

Mestre Secreto não significa Mestre dos Segredos, mas sim, Chefe Espiritual do Grupo que cultiva dentro de si, um culto à divindade.